



# Padre António Vieira: génio e loucura

Paulo Borges\*

## Resumo

Apresentam-se as linhas principais da vida e do pensamento do Padre António Vieira, enfatizando a sua busca de conciliar a experiência do infinito e da totalidade pelo descentramento individual para Deus e o próximo – a santa loucura ou a loucura da santidade – e pelo descentramento comunitário da humanidade para se assumir como o Corpo Místico de Cristo, plenificando a história e santificando a terra no Quinto Império ou Reino de Deus na terra consumado.

Palavras-chave: Escatologia; Profetismo; Quinto Império; Santidade; Loucura.

Vindo ao mundo no coração da Lisboa imperial, perto do lugar de nascimento de Santo António, o Padre António Vieira é uma das figuras mais complexas e singulares da cultura luso-brasileira e lusófona, quinta-essência do seu espírito e personalidade de dimensão universal.

Dotado de um fervor religioso cuja pulsão mística se distende na inquietação visionária e apocalíptica, pregador de palavra, ação e vida exuberante, teólogo e pensador que desconcerta pelo jogo do discurso barroco ou do dizer aforístico a evadir-se da lógica escolástica, exegeta de profecias que se volve ele mesmo profeta e poeta do melhor mundo possível, missionário movido pelo amor do próximo e destemido defensor dos perseguidos e oprimidos – judeus, negros e índios –, patriota apaixonado até à hipérbole e homem que abeira a morte em constante congeminação política, Vieira é bem o paradigma desse gênio português arrebatado

---

\* Texto recebido em outubro/2007 e liberado para publicação em novembro/2007.

\* Pontifícia Universidade Católica de Lisboa.

<sup>1</sup> Num campo bastante restrito, pode-se dizer que o sonho de diluição das fronteiras de competência foi, até certo ponto, realizado com a expansão do uso da internet, já que o usuário, no ambiente virtual, pode atuar como autor, editor e distribuidor. Pode também partilhar com escritores consagrados a elaboração de narrativas de ficção interativas.

pela viagem no mundo e no espírito e por esse abraço à totalidade das coisas que tão incarnado viu no santo nascido em Lisboa e morto em Pádua como peregrino universal: “Para nascer, pouca terra; para morrer toda a terra. Para nascer, Portugal: para morrer, o mundo” (VIEIRA, 1907-1909, VII, p. 64).

Fruto da espiritualidade agostiniana, dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola e do profetismo bíblico e laico, a visão vieirina busca a suprema síntese do infinito e da totalidade: por um lado, aqueles “altíssimos desenganos” místicos “em que o tudo e o nada são da mesma cor” (VIEIRA, 1907-1909, XV, p. 329) e nada importa senão a santidade do amar só a Deus, pois “[...] tudo o que não é ser Santo, é não ser [...]” (VIEIRA, 1679-1748, IV, p. 136); por outro, a esperança ativa de que o mundo se transfigure como teatro dessa santificação universal, humana e cósmica, que designa como Quinto Império ou Reino de Deus na terra consumado, plena expressão do excesso da graça do Cristo redentor sobre o pecado de Adão e apogeu do crescimento do seu Corpo Místico nos homens, na natureza e na história, pelo qual Igreja e humanidade se fundirão num Paraíso renovado e “esta grande casa de Deus, que é o Universo, será toda santa” (VIEIRA, 1957, II, p. 168).

Herdeiro da visão de Joaquim de Flora e do joaquimismo, que tenta conter nos quadros da ortodoxia sem deixar de os romper, as eras do Pai, do Filho e do Espírito Santo dão em Vieira lugar aos três estados do Reino de Deus na terra, iniciado desde a pregação evangélica até à conversão de Constantino, desenvolvido desta à conversão universal (ou aos Descobrimentos) e consumado até ao fim dos tempos (ou à conversão universal) (VIEIRA, 1971, III, p. 784). Excetuado o tempo da vida terrena de Cristo, momento ímpar de perfeição, todo o restante tempo histórico e da Igreja é assumido como a providencial e progressiva dispensação, pelo Cristo invisível e pelo Espírito Santo, de “aquelas ocultas e altíssimas verdades que, por menos capacidade dos seus discípulos, deixou Cristo de lhes dizer, quando por si mesmo os ensinava” (VIEIRA, 1983, p. 132). A revelação divina não está pois concluída, o tempo da profecia não está encerrado e, nesse sentido, os Modernos estão mais perto do desvendamento do sentido da história do que os Antigos (VIEIRA, 1983, p. 131). As profecias, as antigas e as novas, como as do Bandarra e de outros homens simples e inspirados, não se cumpriram todas no passado e na vinda de Cristo, mas apontam sobretudo ao tempo presente e ao que nele Vieira entende ser fundamentalmente chamado a anunciar e presenciar: o Reino de Deus na terra consumado ou Quinto Império. Isso que encontra prefigurado no sonho de Nabucodonosor, interpretado pelo profeta Daniel: a pedra que, sem intervenção de mão alguma, embate violentamente nos pés de ferro e argila da terrível estátua antropomórfica, com cabeça de ouro, peito e braços de prata, ventre e coxas de bronze e pernas de ferro, pulverizando-a e convertendo-

se numa “grande montanha”, que enche a terra inteira (Daniel, 2, 31-45). Abatendo o gigantesco ídolo de pés de barro – símbolo dos quatro impérios e dos poderes mundanos, filhos da cisão entre “meu” e “teu” que permuta o “amor” pela “guerra” (VIEIRA, 1907-1909, III, p. 70), símbolo de todas as falsas e frágeis construções humanas, mentais e materiais –, a pedra, figura do Messias, do Cristo ou da consciência desperta e livre, converte-se na montanha cósmica, símbolo da totalidade e do eixo que une céu e terra, espírito e matéria, transcendência e imanência.

Lendo e estudando as profecias, é deste modo possível escrever história, a verdadeira e canônica história, não a do que foi, mas a do que vem a ser: a História do Futuro (VIEIRA, 1983, p. 100-101). O futuro que em cada significativo evento do presente se antecipa e desvenda. O exegeta torna-se profeta, sem que este fique apenas à espera do cumprimento do que anuncia. Converte-se também em poeta, fazedor disso mesmo que profere e proclama, participando ativamente na realização dessa suma possibilidade que à comunidade dos homens desvela e que apela o seu consentimento e adesão consciente e ativa para que plena e concretamente se incarne e inscreva na ordem do mundo. Daí uma ação – pela oração mental e verbal, pela palavra intrépida que inquieta, denuncia e exorta, pelo conselho, influência e manobra política – que não visa senão o descentramento individual e coletivo para o advento de Deus e do seu Reino. Ação que, embora dirigida a todos os homens, convoca com particular veemência Portugal, que crê providencialmente destinado, desde a aparição e profecia de Cristo em Ourique, a ser um novo povo eleito para o cumprimento dessa plenificação de Deus e do mundo, desse crescimento do cósmico e místico Corpo divino, desse escatológico vir Deus a ser tudo em todas as coisas (VIEIRA, 1957, I, p. 299) que visiona como o sentido mais fundo da sua visão e paixão quinto-imperial. Visão que progressivamente se depura da paixão lusocêntrica, sacrificando-a no vislumbre de um Cristo invisível que igualmente na comunidade dos homens e do mundo adolece até à consumação da perfeita idade (VIEIRA, *Clavis Prophetarum...*, p. 523). Assim o legou na *Clavis Prophetarum*, o extenso, inacabado e ainda maioritariamente inédito manuscrito a que se referiu como os “palácios altíssimos” perante os quais os Sermões não seriam mais do que “choupanas” (VIEIRA, 1971, III, p. 700). Nele a língua portuguesa cede à latina, na tentativa de influenciar as elites cultas da Cristandade, tal como já antes cedera à heróica aprendizagem das línguas indígenas do Brasil, para lhes levar a palavra evangélica e salvífica.

Teólogo da infinidade do possível divino, teólogo-filósofo da maior razoabilidade de que isso se expresse no melhor mundo possível (VIEIRA, 1957, II, p. 192) (num otimismo quanto ao fim último que precede duas décadas o de Leibniz quanto à origem primeira) e filósofo do necessário excesso, loucura ou “doi-

dice” (VIEIRA, 1907-1909, XIII, p. 278 e 287-288) da santidade humana para que tal se efetive, Vieira não poupa nem os poderes político-religiosos, nem os interesses, as paixões e a prudente razão dos homens que a tal se opõem, reman-do muitas vezes solitariamente contra os ventos e marés de um mundo e de uma história persistentes em frustrar as suas todavia inquebrantáveis esperanças de uma iminente transfiguração apocalíptica da ordem das coisas, anunciada nas profecias e precedida dos sinais prodigiosos que avidamente perscruta.

Missionário inspirado na opção de São Francisco Xavier por cuidar mais do bem do próximo do que da própria salvação (VIEIRA, 1907-1909, XIII, p. 288), protetor de negros e índios contra a cruel ganância de colonos e governadores, pregador que não furta a verdade mais inconveniente aos ouvidos dos mais poderosos, conselheiro agraciado ou desvalido de reis e príncipes, expulso do Brasil pelos escravagistas e, acusado de judaísmo, queimado em efígie num auto-de-fé pela população coimbrã, crítico da Inquisição portuguesa, que desafia e afronta com destemor, agindo e movendo sempre influências a favor de judeus e cristãos-novos, incansável estratega político, congeminando casamentos, alianças e planos comerciais, patriota ardente que rejeita a glória fora do país por mais que a pátria o enjeite como seu profeta, patriota inconsolável com a decadência do Portugal que visionava mediador do cumprimento do sentido da história, patriota cuja espiritualidade lhe revela ser o próprio e imoderado patriotismo uma paixão que o desvia do “último fim”, mas que, disso “muitas vezes convencido”, não o vê todavia “vencido” (VIEIRA, 1971, II, p. 646) – eis Vieira, tal um Heraclito-Demócrito que de tudo chora e ri mas, sobretudo, da “comédia” da sua vida (VIEIRA, 1970, I, p. 455), nesse barroco claro-escuro do mundo que viu como teatro, jogo e “grande casa de loucos” (VIEIRA, 1907-1909, XIII, p. 278).

“Insaniendum est, si vis esse perfectus: Hás-de te fazer doido, se queres ser santo”: assim resumiu o ensinamento que, vindo de São Paulo, colheu de Santo Inácio de Loyola e São Francisco Xavier (VIEIRA, 1907-1909, XIII, p. 278). E de fato muito nele houve dessa assumida loucura que Pessoa porá na boca de D. Sebastião: “Louco, sim, louco, porque quis grandeza/ Qual a Sorte a não dá./ Não coube em mim minha certeza;/ [...] Minha loucura, outros que me a tomem/ Com o que nela ia./ Sem a loucura que é o homem/ Mais que a besta sadia,/ Cadáver adiado que procria ?” (PESSOA, 1986, I, p. 1.152). Muito nele houve dessa loucura – nem sempre necessariamente santa, mas sempre tocada do sentido de um possível maior que a razão e o real –, como a de anunciar que D. João IV haveria de ressuscitar para ser o imperador universal, aparentemente por demonstração silogística: o Bandarra foi verdadeiro profeta; o Bandarra profetizou que D. João haveria de ressuscitar; logo D. João vai ressuscitar (VIEIRA, 1970, I, p. 468). Muito nele houve dessa loucura ambígua, por um lado inflamada pela cen-

telha do divino, por outro ofuscada pela demasiado humana confusão desse divino com a instituição dos poderes deste mundo: carecerá isso a que se chama Deus de reinar, como se desde sempre não fosse o Reino e, mais, a Realeza, o Real?

Também a loucura, a certeza e o gênio de Vieira nele não couberam, dele extravasaram e outros os tomaram: Pessoa e Agostinho da Silva, entre os mais conhecidos e notáveis (como já antes Camões), persistentes em serem poetas, mais no ideal o primeiro, mais no concreto o segundo, de um Portugal bem mais vasto do que aquilo que os portugueses adormecidos e acomodados percebem, concebem e desejam. Com efeito, visões como a que perpassa em Vieira e nos da sua estirpe parecem não ter lugar na história comum dos homens, sempre demasiado estreita e prudente para acolher a genialidade, com todas as suas maravilhas e riscos, mas afinal sempre demasiado ampla para se fazer o palco de toda a mediocridade e barbárie. Se por um lado não deixa de ser paradoxal que haja esperado o contrário, que possa haver uma redenção histórica da história, por outro, sem isso, nem sequer teríamos a possibilidade de reconhecer, no espelho do contraste de um possível tão magnífico e excessivo, a “apagada e vil tristeza” em que Portugal e o mundo soçobram na ausência de ideais e aspirações que movam à transcendência e nos façam ressuscitar em vida.

Comemorar hoje os quatrocentos anos do seu nascimento não pode ser menos do que deixar lançar em nós raízes, medrar e frutificar a ampla generosidade do seu coração, a sublime inquietação do seu espírito e o fundo incômodo de por (des)ventura em nada sermos hoje diferentes disso que do alto do púlpito da sua vida mais impiedosamente desencobriu, denunciou e flagelou. Comemorar hoje os quatrocentos anos do seu nascimento não pode ser menos do que, para além do estudo e interpretação da sua obra, para além dos livros, colóquios e congressos, para além das homenagens e cerimônias oficiais, ousar depurar e recriar a sua visão e acção adaptadas à Hora que é a nossa e reassumir o desafio de pensar e recriar Portugal, a comunidade lusófona e o mundo à divina e mais que divina dimensão e exigência do melhor possível. Comemorar hoje os quatrocentos anos do seu nascimento não será menos do que fazermos da nossa vida, desde já, o exemplo dessa diferença que consideramos o melhor possível para Portugal, a comunidade lusófona e o mundo.

Comemorar Vieira é assumir com sábia razão o gênio e a loucura.

## Abstract

We present the main lines of Padre António Vieira's life and thought, underlining his search to conciliate the experience of the infinite and the all by means of the individual surrender to God and others – the holly madness or the madness of holiness – and the communitarian surrender of humanity to take herself as the Mystical Body of Christ, bringing history to perfection and sanctifying the earth in the Fifth Empire or Kingdom of God consummate in earth.

Key words: Eschatology; Prophecy; Fifth Empire; Holiness; Madness.

## Referências

- PESSOA, Fernando. Mensagem. In: **Obras**. Porto: Lello & Irmão Editores, 1986, v. I.
- VIEIRA, António. *Clavis Prophetarum verum eorum sensum aperiens ad rectam Regni Christi in terris consummati intelligentiam*, manuscrito 359 da Biblioteca Gregoriana de Roma.
- VIEIRA, António. **Sermoens**. Lisboa, 1679-1748, v. XIV.
- VIEIRA, António. Sermão da Segunda Dominga da Quaresma. In: **Sermões**. Porto, Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1907-1909, v. III.
- VIEIRA, António. Sermão de Santo António. In: **Sermões**. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1907-1909, v. VII.
- VIEIRA, António. Sermões consagrados à glorificação de São Francisco Xavier. Sermão Sétimo. Doidices. In: **Sermões**. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1907-1909, v. XIII.
- VIEIRA, António. Palavra de Deus empenhada no Sermão das Exéquias da rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia. In: **Sermões**. Porto: Livraria Chardron de Lello & Irmão Editores, 1907-1909, v. XV.
- VIEIRA, António. *Defesa perante o Tribunal do Santo Ofício*. São Salvador da Baía: Livraria Progresso Editora, 1957, v. I e II.
- VIEIRA, António. **Cartas**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1970 (v. I) e 1971 (v. II-III).
- VIEIRA, António. **Livro Antepimeiro da História do Futuro**. Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.

